

DO ÊXTASE À DEVASTAÇÃO: O GOZO FEMININO EM PSICANÁLISE

Nathalia Reis Tavares¹

Resumo: Um dos eixos que a psicanálise se dedica em estudar é o campo do feminino e seu modo de gozar. Este artigo dedicou-se em estudar as relações entre o gozo feminino e a imersão de mulheres envolvidas em relacionamentos abusivos, em que há por um lado o sofrimento real, mas, por outro lado, existe um ganho secundário que as fazem permanecer neste lugar. O mais-de-gozar será estudado neste processo, com sua característica insaciável que pode resultar em um ciclo vicioso dentro de relacionamentos tóxicos. Para este fim, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, por meio de pesquisas textuais em produções existentes na área da psicanálise relevantes a elaboração do tema. O gozo do Outro encontra-se mais livre no campo dos semblantes, e justamente graças a este fato pode encaminhar a mulher a viver a devastação, ou, a depender de seu manejo clínico, abrir espaço para novas criações e possibilidades.

Palavras-chave: Gozo feminino; devastação; relacionamentos abusivos.

Abstract: One of the axis that psychoanalysis dedicates to studying is the field of the feminine and its orgasm. This article was dedicated to study the relationships between female orgasm and the immersion of women involved in abusive relationships, in which there is, on the one hand, real suffering, but, on the other hand, there is a secondary gain that makes them remain in this place. The excess of female orgasm will be studied in this process, with hedonistic characteristics that can result in a vicious cycle within toxic relationships. To this aim, bibliographical research will be used through textual research on existing productions in psychoanalysis that are relevant to the elaboration of the theme. The orgasm of the Other is freer in the field of appearances, and precisely thanks to this fact it can lead the woman to experience devastation, or, depending on her clinical management, open space for new creations and possibilities.

Keywords: Female orgasm; devastation; abusive relationships.

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade Doctum de Serra-ES.

INTRODUÇÃO

Em sua conferência intitulada “Feminilidade”, Freud (1932-1936/1996) remete a feminilidade como um termo que, através do tempo, levou autores a refletirem em busca de uma definição. Por sua vez, Freud tenta no decorrer de suas obras entender sobre a formação da mulher desde criança, quando, segundo ele, ela é portadora de “disposição bissexual”.

Apesar da perceptível diferença anatômica entre os sexos, o autor também cita em seu texto as diferenças comportamentais que são atribuídas aos “machos” e às “fêmeas”: essas são tidas como seres passivos desde o momento do ato sexual, enquanto aqueles agem com agressividade, perseguindo sua companheira com o intuito de procriar (Freud, 1932-1936/1996).

Porém, sobre essa distinção entre os sexos, Freud adverte o seguinte:

Poder-se-ia considerar característica psicológica da feminilidade dar preferência a fins passivos. Isto, naturalmente, não é o mesmo que passividade; para chegar a um fim passivo, pode ser necessária uma grande quantidade de atividade (Freud, 1932-1936/1996, p.77).

É por meio dessa linha de raciocínio que Freud (1932-1936/1996) nos apresenta como resultado da supressão da agressividade das mulheres o desenvolvimento do que ele irá chamar “impulsos masoquistas”, com a função de transformar as tendências destrutivas que foram voltadas ao sujeito em impulsos eróticos.

Foram os estudos de Freud que abriram caminhos para o que viria depois a ser uma questão em toda a psicanálise: “O que é uma mulher?”. No percurso trilhado em busca de respostas a essa questão, muitas outras se desdobram. Já em Freud, quando ele trata do masoquismo, da passividade e da relação desses com a feminilidade, algo sobre o gozo feminino pode ser vislumbrado. Mas é em Lacan, especificamente nos últimos anos de seu ensino, que se destaca a presença de uma investigação sobre o gozo feminino. Nesse sentido, a questão que se pretende responder ao longo da pesquisa que aqui se delineia é: quais as consequências do gozo feminino para a vida de uma mulher?

Desde já, podemos dizer que uma das consequências do gozo feminino é a devastação, que pode ser vivida por mulheres em suas relações amorosas. Especificamente, em relacionamentos abusivos nos quais muitas mulheres estão envolvidas. De acordo com Souza, Silva e Honotaro (2022, p. 226), “Relacionamentos abusivos são aqueles permeados

por violências de forma institucionalizada” (Sacramento; Rezende, 2006, p. 96). Uma mulher que está vivenciando uma situação como essa pode ser submetida a diversos tipos de violência, como, por exemplo: física, sexual, psicológica, violência conjugal, entre outras.

Este trabalho buscou investigar as relações entre o gozo feminino, sua devastação e ocorrências em relacionamentos abusivos. Para tal objetivo, conceitua o feminino a partir da psicanálise e aborda o conceito de gozo e seus efeitos em relacionamentos abusivos e os possíveis manejos clínicos dos sujeitos afetados.

Sendo assim, a relevância do tema proposto justifica-se pela atualidade da questão, atuando como uma tentativa de avaliar estudos que relacionem o gozo feminino aos relacionamentos abusivos, de forma a propor questionamentos que ajudem a responder o motivo pelo qual as mulheres, por meio de seu gozo, se veem reféns de atitudes violentas quando se encontram em um relacionamento amoroso no qual o ódio se presentifica por meio da violência. Do ponto de vista psicológico, é de extrema importância conhecer estas aproximações para que se torne possível prestar um melhor acolhimento às vítimas, por meio da escuta, de forma a compreender os processos envolvidos nesses casos.

Importante salientar desde já que ao nos referirmos ao homem ou à mulher não estamos contemplando a perspectiva biológica, já com Lacan (1971-2009), podemos afirmar que “Quaisquer que possam ter sido os tropeços a que ele mesmo sucumbiu nesse campo, o que Freud revelou do funcionamento do inconsciente nada tem de biológico” (p. 29). Conforme explicaremos adiante, ser homem ou ser mulher não estão estritamente ligados a ser macho ou ser fêmea.

MÉTODO

A pesquisa apresentada contém caráter exploratório, pois os objetivos aqui compreendidos visam “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (Gil, 2002, p. 41).

Assim, para alcançar os objetivos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica na literatura do campo da psicanálise, com o intuito de compreender o fenômeno do gozo feminino e sua presença em situações de relacionamentos abusivos. De acordo com Gil (2002, p. 41), “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. (...) Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas”.

Nesse sentido, compreendemos que a pesquisa bibliográfica é um importante instrumento de coleta de dados quando se pretende realizar uma pesquisa exploratória. A pesquisa bibliográfica subsidia as demais metodologias por apresentar uma visão ampla a respeito do tema estudado. Desta forma, o trabalho contará com a apresentação do conceito de gozo citado pela psicanálise, o relacionando com os relacionamentos abusivos, a fim de buscar investigar se existe conexão possível entre os termos.

Para fins de procedimento de abordagem dos dados coletados, será utilizada a pesquisa qualitativa, uma vez que os instrumentos a serem pesquisados serão artigos e livros que se relacionam com o tema, com o intuito de investigar e esclarecer a pesquisa proposta.

REFERENCIAL TEÓRICO

RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

São considerados relacionamentos abusivos aqueles em que existem violência de forma naturalizada, resultando no controle de um parceiro sobre o outro, podendo fazer com que a vítima se torne refém de seu opressor (Souza; Silva; Honorato, 2022, apud Oliveira, 2014; Paiva; Figueiredo, 2003).

Atualmente, no Brasil já existe legislação com o objetivo de garantir os direitos e a dignidade de mulheres que vivenciam situações de relacionamentos abusivos e

violentos, como a Lei Maria da Penha (Brasil, 2006). Todavia, pode se fazer necessário retomar as discussões a respeito dos tipos de violências existentes, e quais os seus impactos e prejuízos apresentados a vítima.

A Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as mulheres, fundamentada pela Convenção de Belém do Pará (Pará, 1994), define como violência contra a mulher “qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado” (Brasil, 2011, p. 7). São categorizados, ainda, três tipos de violências possíveis de serem praticadas contra as mulheres: a violência doméstica, que compreende violência física, psicológica, sexual, patrimonial, moral entre outras; a violência ocorrida na comunidade, que foge do âmbito domiciliar a parte à esfera coletiva e pública; e violência institucional, perpetuada pelo Estado e seus agentes (Brasil, 2011).

A realidade brasileira conta com histórias de mulheres atravessadas pela marca da violência. Dados de pesquisa realizada pelo Instituto Patrícia Galvão (2022) revelam que 36% das mulheres no Brasil já foram vítimas de violência doméstica, sendo a mais relatada entre elas a violência psicológica, seguida, respectivamente, da violência física, moral, sexual e patrimonial.

Diante do exposto, ainda que haja a violência e, conseqüentemente, o sofrimento, não é sempre que uma mulher consegue declarar o fim de um relacionamento abusivo. E é a partir desta permanência que o presente estudo se propõe em visitar na literatura psicanalítica o conceito de gozo, que será lido, referenciando Lacan (1972-73/ 1985) como um excesso que resulta em satisfação, e que não se cansa de se atualizar.

O FEMININO

O campo do feminino ainda é um território desconhecido em alguns aspectos para a psicanálise. Assim, Freud (1932-1936/1996) busca outra forma de lidar com tal enigma: não com a pretensão de descrever a mulher, mas questionar a respeito de sua formação. O que o autor nos diz é que há uma diferença entre as meninas e os

meninos desde o momento de sua formação, porém, “ambos os sexos parecem atravessar da mesma maneira as fases iniciais do investimento libidinal” (Freud, 1932-1936/1996, p. 79).

Por exemplo: para a menina a mãe representa seu primeiro objeto de amor. Porém, ao passar pelo complexo de Édipo, o objeto de amor dessa menina passa a ser o seu pai. Para o menino, porém, seu primeiro objeto de amor será a sua mãe, assim permanecendo pelo resto de sua vida (Freud, 1932-1936/1996, p. 79). Portanto, há diferenças no que se refere à constituição psíquica de feminino e masculino que a psicanálise ainda não foi capaz de resolver. Para Freud, a entrada da menina no complexo de Édipo é precedida pelo complexo da castração. A menina deve se perceber como aquela a quem falta algo. Algo diferente acontece ao menino, que sai do complexo de Édipo pelo complexo da castração, isto é, em função do medo de perder; a menina, de partida, sabe-se castrada.

A dissolução do complexo de Édipo é plena de consequências para a relação da menina com a mãe, pois é nesta que a menina procura a causalidade para sua falta. Lacan, ao comentar a relação da menina com a mãe, indica o seguinte:

Por essa razão, a elucubração freudiana do complexo de Édipo, que faz da mulher peixe na água, pela castração ser nela ponto de partida (*Freud dixit*), contrasta dolorosamente com a realidade de devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com a mãe, de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais substância que do pai – o que não combina com ele ser segundo, nessa devastação (Lacan, 1972/2003, p. 465)

É preciso notar que Lacan marca uma diferença em relação ao Freud quando diz que a aceitação da menina em relação à sua castração “contrasta dolorosamente com a realidade de devastação”. A dor provocada pela devastação parece indicar que a vivência do complexo de castração não é tão tranquila quanto supunha Freud.

Desse modo, a menina procura na mãe sua “substância” pois é a ela que a menina atribui sua falta. Aqui se apresenta uma relação de demanda que pode ser considerada complexa, pois a menina exige da mãe que se lhe seja dado algo que a própria mãe não possui. Nesse sentimento de vazio originado da falta de um significativo que a defina, ela transmite para a filha o seu próprio modo de gozo.

É bastante rotineiro na clínica psicanalítica as meninas queixarem-se de uma falta de identidade, ou de um vazio profundo, o que nos remete ao conceito lacaniano sobre a inexistência da mulher, explicado pelo fato de não possuir no inconsciente um significante capaz de definir e conceituar uma mulher (Faria; Starlig, 2019).

A partir dessas considerações, é relevante entender melhor sobre o gozo feminino e como ele se dá, para que este seja relacionado, a *posteriori*, aos relacionamentos abusivos.

O GOZO

Segundo Násio (1992), para compreendermos o conceito lacaniano de gozo precisamos retornar a Freud, mais especificamente em sua tese da energia psíquica, onde ele cita um desejo humano que é sempre almejado, mas jamais realizado: a felicidade absoluta. Para o autor, parte da energia gerada pela tensão causada por este desejo permanece recalçada no inconsciente do sujeito, e uma outra parte se dissipa por meio de uma manifestação inconsciente.

Násio (1992) utiliza esta introdução para apresentar os três modos de gozo propostos pelo Lacan: o gozo fálico, o mais-de-gozar e o gozo do Outro. O gozo fálico é marcado pela parte de energia que atravessa a barreira do recalque em uma descarga parcial, causando um certo alívio da tensão. O mais-de-gozar é a parcela de gozo que fica retida pelo recalque e que representa um excesso, o resíduo que aumenta a tensão interior e não pode ser liberada. Por fim, há ainda o gozo do Outro, que é hipotético, mas que corresponderia a liberação total da tensão acumulada e barrada pelo recalque, sem limite algum.

Lacan (1972-73/1985), para falar sobre as diferenças entre o feminino e o masculino no campo do inconsciente, apresenta em seu *Seminário, livro 20* a tábua da sexuação, em que utiliza fórmulas para representar e marcar cada lugar ocupado pelos sujeitos em relação a sua própria castração e, conseqüentemente, modo de gozar. Ao estabelecer a fórmula da sexuação, Lacan promove uma ruptura “com a ideia do complexo de Édipo como mito, em prol de uma logicização da diferença sexual” (Brousse, 1991, p. 114).

Não se trata de questões biológicas e de caracteres sexuais secundários o que decide se o ser falante estará do lado homem ou do lado mulher: “A todo ser falante, como se formula expressamente na teoria freudiana, e permitido, qualquer que ele seja, quer ele seja ou não provido dos atributos da masculinidade” (Lacan, 1972-73/1985, p. 107). A inscrição de um lado ou de outro da tabela diz respeito à imersão do real, é da ordem do acaso. Ainda no *Seminário, livro 18*, Lacan (1971/2009) já indicava que não há nada que defina previamente o homem e a mulher. Ser homem e ser mulher estão na ordem do parecer, isto é, do semblante.

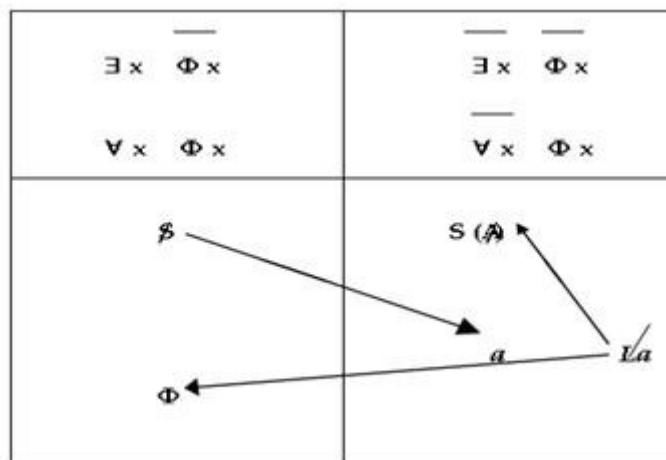


Figura 1. Tábua da sexuação. (Lacan, 1972-73/2008, p. 84)

Se antes, para Freud (1924/1996), tudo girava ao redor de ter ou não ter o falo, quando a mulher se definia pelo negativo, ou seja, a mulher seria aquela que não tem o falo, para Lacan, a partir das fórmulas da sexuação, não é mais possível definir um sexo pela negação dos atributos do outro. Seja do lado homem, seja do lado mulher, “Em ambos os casos, esses dois níveis, como tais, são independentes, e não se trata, em absoluto, de fazer de um a negação do outro, mas, ao contrário, de fazer de um obstáculo ao outro” (Lacan, 1971-72/2012, p. 99). Assim, embora seja mantida a ideia de que há dois sexos, a noção da binaridade, em que um seria definido a partir do outro, é rompida. Então, o que garante a existência de dois sexos, longe de ser a complementariedade entre eles, é o mal-entendido que se traduz no aforisma lacaniano de que “não há relação sexual” (Lacan, 1971-72/2012, p. 13) o que há é o desencontro.

Do lado masculino, localizado à esquerda, o autor escreve que existe Um para o qual a castração não se aplica, ideia baseada no livro de Freud (1913) intitulado “Totem e Tabu”, em que é representado o personagem fictício de um pai que, por não ser castrado, não possui limites para suas ações, possuindo acesso a todas as mulheres de sua horda. Ao ser morto por seus filhos, este fato precisa mudar: todos os homens do local, seus filhos e assassinos, passam a portar a castração, como uma forma de universalização masculina uma vez que todos passam a operar pela mesma lei, sem exceção.

Por sua vez, no lado feminino (à direita), não existe uma mulher para a qual não opere a castração. A fórmula apresentada neste campo deve ser lida da seguinte maneira: não existe um x para o qual não se opere a função fálica; portanto, para não-todo x a função fálica opera. Se as mulheres são, dessa forma, todas castradas desde o seu nascimento, então elas portam algo a mais, além da castração, que faz com que elas também sejam não-todas castradas e não possam ser representadas por meio de uma lei universal. Seu modo de gozo também não pode ser representado apenas pelo gozo fálico, elas possuem um gozo complementar: o gozo do Outro. Porém, este gozo não as unifica, como no caso dos homens e o gozo fálico, mas na verdade as divide, fazendo com que sejam parceiras-da-solidão (Marcos e Silva, 2020).

O gozo do Outro, forma de gozar caracterizada pela ausência da marca do falo, pode ser encontrado nas mulheres e em suas relações. Pena (2012) define tal modo de gozar, exclusivo às mulheres, como ilimitado e capaz de promover tanto a vivência da devastação, quanto o êxtase sexual.

Todavia, falar sobre gozo não é sinônimo de prazer e satisfação por si só, pois “O real, não dá, forçosamente, prazer. (...) O gozo é real. (...) O masoquismo é o ápice do gozo dado pelo real” (Lacan, 1975-76/2007, p. 76). Nesse sentido, Daibert e Caldas (2012) afirmam que é possível haver satisfação no sofrimento, o que inclusive levantou questionamentos sobre a compulsão à repetição nesses casos. Ou seja, para além do sofrimento presente na satisfação, há ainda algo que pode levar a repetição de processos destrutivos.

Ainda sobre o conceito de devastação,

O conceito de devastação, para a psicanálise, diz respeito a um acontecimento de corpo em sujeitos que se encontram ao lado feminino da sexuação. Esse acontecimento sinaliza o excesso do gozo que não cessa de não se escrever, pois não é reduzido ao falo, escapando, assim, à simbolização. Localizamos tal acontecimento, primordialmente, na relação entre mãe e filha, tal como Freud (1931/1996a) havia sinalizado, podendo também repercutir nas relações amorosas que uma mulher estabelece com um homem. (Faria; Starling, 2019, p. 158)

A devastação surge como consequência do arrebatamento que se dá quando a menina tem contato com a ausência de limite ao gozo vivido pela mãe. É por meio da percepção de que o feminino porta algo do real, “fora do corpo do sexo” (Brousse, 2004, p. 218). Ou seja, para o sujeito que habita o feminino, parte de seu gozo não é redutível à significação fálica, de tal modo que, em suas relações amorosas, a mulher pode se enredar na lógica do “amódio” (p. 218), que se desdobra numa demanda de amor absoluta, ora ela demanda excessivamente, ora ela é demandada sem limite.

Ora, é confirmado pela literatura que é possível que haja a repetição da devastação vivida primeiramente entre mãe e filha nos próximos relacionamentos que virão a ser vivenciados por uma mulher. Além disso, a relação entre masoquismo e devastação é bem colocada por Miller (1998, p.118): “o masoquismo feminino não é mais do que uma (...). Que ele me bata não é o que conta, o que conta é que eu seja seu objeto, que eu seja seu parceiro-sintoma, se isso me devasta, tanto melhor”. Portanto, o que se propõe com este trabalho é entender o processo de devastação, associado ao gozo, no contexto dos relacionamentos abusivos.

A DEVASTAÇÃO

A relação primordial de uma mãe com a sua filha é marcada por questões muito importantes, dentre elas a expectativa que existe, por parte da menina, de que a mãe a sustente com algo que depois ela virá a descobrir que não possui (Drummond, 2011). É neste contexto que nos é apresentada por Lacan a noção de devastação.

Pode-se dizer que o homem é para uma mulher tudo o que quiserem, a saber, uma aflição pior que um sintoma. Vocês podem inclusive articular isso como lhes for conveniente. Trata-se mesmo de uma devastação (Lacan, 1975-76/2007, p. 98).

A definição lacaniana de devastação é apresentada na passagem acima de forma ainda opaca. A palavra devastação, por si só, pode ser pensada através de

diferentes significados e interpretações para dar conta daquilo que se pretende enunciar: devastação pode ser sinônimo de uma grande desgraça; o verbo devastar pode ser entendido como tornar deserto, despovoar, destruição completa. Ao considerar suas origens no latim, a palavra pode ser entendida como um arrebatamento, tomar à força, raptar. A noção de devastação com sentido de arrebatamento e raptar fala da relação mãe e filha, quando a filha pretende receber algo da mãe (o falo) que, em algum momento, ela percebe que não poderá receber porque sua mãe não o possui, em primeiro lugar. A partir daí, a filha volta-se, então, àquele que possui o que ela quer tomar: seu pai. Portanto, a devastação representa o fracasso da metáfora paterna (DRUMMOND, 2011).

APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

Para que haja a compreensão da relação existente entre o gozo feminino e sua presença nos relacionamentos abusivos, de caráter violento, é preciso que se entenda que o gozo não representa apenas o prazer, mas que também se relaciona com o sofrimento.

Freud (1996) apresenta este movimento ao introduzir e conceituar o Supereu na psicanálise e observar casos em que prevalecia uma repetição compulsiva em atos destrutivos, apesar do sofrimento aparente. De acordo com Daibert e Caldas:

O caráter feroz dessa instância só poderia ser trabalhado após o avanço da psicanálise na desvinculação entre satisfação pulsional e prazer. Ou seja, poderia haver satisfação no sofrimento. As impressões de Freud com a Primeira Guerra Mundial fizeram-no vivenciar a violência e o sofrimento humanos e dar lugar teórico à pulsão destrutiva e sua repetição. A partir do estudo dos sonhos traumáticos e da observação do movimento repetitivo de seu neto com o carretel, Freud começou a se questionar a respeito da compulsão à repetição e percebeu que algo vai além do princípio do prazer (Daibert, Caldas, 2012, p. 588-589).

Dessa forma, a permanência das mulheres em situações de abuso é justificada por esta esfera do gozo que não representa somente a satisfação, mas que também traz sofrimento e destruição. O resultado da violência vivenciada em relacionamentos abusivos não faz com que a mulher sinta necessariamente prazer, mas nem por isso foge do gozo, podendo representar sua parcela de dor.

Neste contexto, é observada a relação da dependência, marca que denuncia relacionamentos abusivos: ainda que a mulher perceba, de forma consciente, que está vivenciando um relacionamento abusivo, não é fácil para ela tomar a decisão de se libertar dele. E é a partir daí que surgem as justificativas que são apresentadas como razões para a permanência: algumas mulheres alegam medo, dependência financeira, receio do que virá a partir de um término (Souza; Silva; Honorato, 2022). Em muitos casos existe, sim, considerações que tornam estas mulheres como reféns, como por exemplo a condição financeira, uma vez que sem recursos financeiros ou rede de apoio torna-se muito difícil a sobrevivência em um país capitalista. Mas para além destas questões, existe algo de um gozo insaciável, que ainda que traga a devastação, também porta um ganho secundário muito difícil de se abrir mão: ser o objeto de amor de seu algoz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diferenças entre homens e mulheres, para a psicanálise, não podem ser resumidas a questões anatômicas ou mesmo culturais, e sim marcadas no inconsciente por meio de significantes correspondentes, ou a ausência deles. Por sua vez, o significante é a causa do gozo (Lacan, 1972-1973/1975).

É a partir da tentativa de definir a mulher por meio de um significante que sustente a sua existência que a psicanálise, sobretudo a partir dos estudos de Lacan (1972-1973/1975) inaugura a afirmativa: “A mulher não existe”. Neste contexto, a inexistência da mulher resulta em um gozo do Outro, que não tem limites e é marcado por sua insaciedade. Gozo que é vivido no próprio corpo e que é não-todo regido pelo falo.

Para Silva e Marcos (2020), o que transborda no campo do feminino deve ser reconstruído no campo dos semblantes, onde o gozo do Outro se encontra mais livre, e, portanto, suscetível à invenção.

No que concerne ao manejo clínico de sujeitos devastados, a invenção abre espaço para a criação e fantasias que podem se fazer presentes de diversas formas, inclusive por meio do assujeitamento em um relacionamento abusivo. É imprescindível, portanto, que a escuta analítica não se atenha apenas ao que é dito

pelo paciente – uma demanda de amor, por exemplo -, mas sim ao que “[...] fica esquecido detrás do que se diz no que se ouve” (Lacan, 1972-1973/1975).

Dito isto, o gozo do Outro não é signo de amor (Lacan, 1972-1973/1975). Esse esclarecimento pode não se fazer óbvio ou fácil de ser entendido, uma vez que imersa no desejo de ser valorizada e ocupar lugar de objeto do gozo do outro, uma mulher pode ser conduzida pela trama da devastação em suas relações. Entretanto, o mesmo caminho que a leva para o encontro com algo devastador, pode também abrir espaço para novas invenções e possibilidades.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Emília Sousa. Revisitando o feminino: pelo avesso da cultura. **Mudanças**. São Paulo, v. 27, n. 1, p. 27-36, jun. 2019.
- BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM). Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres. Brasília: SPM; 2011
- BRASIL. Lei Nº 11.340 de 07 de agosto de 2006. Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. Presidência da República, 2006.
- BROUSSE, Marie-Hélène (2004). Uma dificuldade na análise de mulheres: a devastação da relação com a mãe. **Ornicar?: De Jacques Lacan a Lewis Carroll**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- DAIBERT, Daniela de Oliveira Martins Mendes; CALDAS, Heloisa. O imperativo de gozo do supereu e sua conexão com a demanda de amor insaciável das mulheres. **Revista Mal Estar e Subjetividade**. Fortaleza, v. 12, n. 3-4, p. 583-606, dezembro de 2012.
- DRUMMOND, Cristina. Devastação. **Opção Lacaniana online nova série**. Ano 2, n.6, novembro de 2012.
- FARIA, Erika Vidal de; STARLING, Danielle Rezende. Devastação feminina: o que pode uma análise?. **Stylus**. Rio de Janeiro, n. 38, p. 155-164, jun. 2019.
- FREUD, Sigmund. **A dissolução do complexo de Édipo**. In: **FREUD, Sigmund. Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 193–198.
- FREUD, Sigmund. **Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise e Outros Trabalhos**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. **O mal estar na civilização**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Imago. 1996.
- FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. 1ª Edição. São Paulo: Penguin-companhia, 2013.
- GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Pojetos de Pesquisa**. 4ª Edição. São Paulo: Atlas, 2002.
- INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. 36% das brasileiras já foram vítimas de violência doméstica. **Instituto Patrícia Galvão**, outubro de 2022. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/36-das-brasileiras-ja-foram-vitimas-de-violencia-domestica/>. Acesso em: 27 de maio de 2024.
- LACAN, Jacques. (2003). **O aturdido**. In J. Lacan, Outros escritos (pp. 449-497). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Trabalho original publicado em 1972
- LACAN, Jacques. **Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. Seminário originalmente proferido em 1971.
- LACAN, Jacques. **Seminário, livro 19: ...ou pior**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012. Seminário originalmente proferido em 1971-72.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972-1973/1985. Seminário originalmente proferido em 1972-73.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 23: o sinthoma**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975-1976/2007. Seminário originalmente proferido em 1975-76.

MARCOS, Cristina Moreira; SILVA, Thais Limp. O Ato como Tratamento para a Devastação Feminina. **Revista Subjetividades**. Publicado online, v. 20, n. 3, dezembro de 2020.

MILLER, Jacques-Alain. **O osso de uma análise**. Salvador: Biblioteca Agente, 1998.

NASIO, Juan-David. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. 170 p.

PARÁ. [(Convenção 1994)]. **Convenção de Belém do Pará**. Belém: Assembleia Geral, 1994.

PENA, Breno Ferreira. Os desdobramentos do gozo feminino na vida amorosa. **Estudos de Psicanálise**. Belo Horizonte, v. 37, p. 45-52, julho de 2012.

RIBEIRO, Maria Anita Carneiro et al.. A mulher: um sintoma para o homem?. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 18, n. 1, p. 74–87, mar. 2015.

SACRAMENTO, Livia de Tartari; REZENDE, Manuel Morgado. Violências: lembrando alguns conceitos. **Aletheia**, Canoas, n. 24, p. 95-104, dez. 2006.

SILVA, Thais Limp; MARCOS, Cristina Moreira. O Ato como tratamento para a devastação feminina. **Revista Subjetividade**, nº20, v.3. 2020

SOUZA, Daniel Cerdeira de; SILVA, Lolete Ribeiro da; HONORATO, Eduardo Jorge Sant'Ana. Relacionamentos abusivos: significações atribuídas por jovens universitários de Manaus. **Última Década**, Manaus, n. 58, p. 226-256, maio de 2022.